

GABRIEL SOARES DE SOUZA NA HISTORIOGRAFIA DOS PRIMEIROS ANOS

Leonardo Dantas SILVA

Para Oliveira Lima “a humanidade é devedora à Península Ibérica, representante gloriosa do grande ciclo das navegações, de um dos mais altos serviços prestados à civilização - o duplo desencantamento da América e da Índia. No mesmo decênio em que a audácia de Colombo, cujo nome o mundo inteiro acaba de aclamar numa confraternização admirável, sacudia a Espanha para as regiões ignoradas do Ocidente, a intrepidez de Vasco da Gama arrastava Portugal para os países misteriosos do Oriente. Um e outro desvendaram perante a Europa continentes envoltos nas trevas da insciência, nas brumas do pressentimento ou nas miragens da fábula; um e outro abriram novo e picante campo ao espírito religioso e ao estímulo comercial da Meia Idade, e forneceram um quadro majestoso ao soberbo desabrochar da época inimitável da Renascença”.¹

Descoberto oficialmente no último ano do século XV, o Brasil tem a sua história inicialmente contada através de relatos de caráter puramente episódicos, escritos por viajantes e aventureiros que nele aportaram, entre 1500 e 1532, descrevendo a terra em suas relações de viagem.

O primeiro desses cronistas foi Pero Vaz de Caminha, escrivão da armada de Pedro Álvares Cabral, que aportou na Bahia em abril de 1500,

⁽¹⁾ OLIVEIRA LIMA, Manoel. *Pernambuco seu desenvolvimento histórico*. Recife: Governo do Estado, 1975. (Coleção Pernambucana, 1ª fase, v. 1). Fac-similar da ed. de Leipzig: F. A. Brockhaus, 1895; 3. ed. Recife: Fundação Joaquim Nabuco; Ed. Mas sangana, 1997. Apresentação e organização de Leonardo Dantas Silva. Prefácio de Gilberto Freyre (Série Descobrimentos, v. 9).

dando por descoberta a nova terra. Coube a Caminha enviar, através da nau de Gaspar de Lemos, as boas novas ao Rei de Portugal, D. Manuel I, transformando-se assim no primeiro cronista desta história. O documento só veio a ser divulgado em 1817, quando de sua publicação pelo padre Manuel Aires do Casal na *Corografia Brasílica*, merecendo uma edição crítica, com anotações de Carolina Michaëllis, a cargo de Carlos Malheiro Dias na obra *História da Colonização Portuguesa*.² Melhor sorte obteve Américo Vespucci que viu suas cartas publicadas na primeira metade do século XVI, quando da edição de *Mundus Novus*.

O relato de Caminha é em muito superior às comuns narrativas de viagens da época, dentre as quais a *Carta do Mestre João*, publicada na *Revista do Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro* (Rio: 1843), e a *Relação do Piloto Anônimo*, divulgada pela primeira vez por Francanzano da Montalboddo, in *Cum privilegio Paesi novamente ritrovati. Et Novo Mondo da Alberico Vespuccio Florentino intitulado* (Veneza: 1507).

Dentre essas relações de viagem destaca-se a de Pero Lopes de Souza, autor do *Diário de Navegação*³, responsável pela narrativa dos fatos que se sucederam na expedição comandada por seu irmão, Martin Afonso de Souza, entre 1530-32, na qual apresenta preciosas informações sobre a “Terra de Santa Cruz vulgarmente chamada de Brasil”. O documento, divulgado inicialmente por Francisco Adolpho de Varnhagen (1839), recebeu uma segunda edição com base em apógrafo existente na Biblioteca da Ajuda (Lisboa), publicado em 1861 na *Revista do Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro*. v. 24. e, ainda em nossos dias, vem recebendo as maiores atenções por parte de estudiosos daquele período.

Também aventureiros escreveram sobre os primeiros anos do descobrimento desta terra, destacando-se dentre eles o depoimento de Hans Staden publicado na Alemanha em 1557.⁴ Esse singular aventureiro engajou-se como artilheiro de um navio português que comerciava

(2) DIAS, Carlos Malheiro. *História da colonização portuguesa do Brasil*. Porto: 1921-23, v. 2. p. 86 e seg.

(3) SOUZA, Pero Lopes de. *Diário da navegação da armada que foi à terra do Brasil em 1530 etc.* Publicada por Francisco Adolpho de Varnhagen. Lisboa: Typographia da Sociedade Propagadora dos Conhecimentos Úteis, 1839.

(4) STADEN, Hans. *Warhaftige Historia und beschreibung eyner Landtschaff der Wilden etc.* Marburg, 1557.

pau-brasil, fazendo a sua primeira viagem ao Brasil em 1547. Ao chegar a Pernambuco, logo participa das lutas contra os índios que sitiavam a vila de Igarassu, transferindo-se depois para a Paraíba de onde só retornou a Lisboa no ano seguinte. Voltando ao Brasil em 1550, sob a bandeira de Espanha na expedição de D. Mencia Calderon de Sabnabria, que devia fundar duas povoações, uma na ilha de Santa Catarina e outra na foz do Rio da Prata. Depois de várias peripécias, vamos encontrá-lo na vila de São Vicente, onde exerce as funções de arcabuzeiro na ilha de Santo Amaro, em frente a Bertioga. Prisioneiro dos índios tupinambás, em janeiro de 1554, lá permanece durante nove meses, quando consegue fugir e, em 20 de fevereiro de 1555, chega à França iniciando sua viagem de retorno à pátria.

A narrativa de Hans Staden foi de um sucesso incomum. Da primeira impressão em 1557 até a edição londrina de 1874 foram registradas 17 edições, reproduzindo as excelentes xilogravuras da primeira, além das edições em língua portuguesa mais recentes. Segundo José Honório Rodrigues⁵, a melhor edição brasileira é a da Sociedade Hans Staden, segundo a transcrição em alemão moderno de Karl Fouquet (São Paulo, 1941, n° 3 das Publicações da Sociedade Hans Staden), numa tradução de Guiomar de Carvalho Franco, com introdução e notas de Francisco de Assis Carvalho Franco (São Paulo, 1942).

Após a expedição de Martin Afonso de Souza (1530-32) resolveu D. João III, de Portugal, incrementar no Brasil em 1534 o sistema das capitanias hereditárias, estabelecendo faixas territoriais que iam do litoral até os limites estabelecidos pelo Tratado de Tordesilhas (1494). Foi a então colônia dividida em partes, distribuídas através de *cartas de doação* aos respectivos donatários, a quem cabia administrar com seus próprios recursos e poderes quase absolutos, conceder sesmarias e forais, aplicar a justiça, exercendo a administração civil e criminal, estabelecer direitos, foros e tributos no âmbito de sua jurisdição.

Por essa época as expedições e incursões vieram ceder lugar à colonização da terra recém-descoberta, iniciando-se o povoamento,

⁽⁵⁾ RODRIGUES, José Honório. *História da história do Brasil: Historiografia colonial*. São Paulo: Editora Nacional, 1979. p. 15.

estabelecendo-se colônias agrícolas e a fundação de vilas e povoações, dando início a uma nova fase da historiografia.

Neste sistema foram as capitanias de Pernambuco e São Vicente, respectivamente doadas a Duarte Coelho Pereira e Martin Afonso de Souza, as que mais prosperaram. Em face do fracasso do sistema nas demais capitanias, estabeleceu D. João III em 1549 um Governo Geral, iniciado por Tomé de Souza que fundou a Vila do Salvador, na Bahia, e lá estabeleceu a primeira capital (1549).

Com Tomé de Souza vieram os primeiros padres da Companhia de Jesus que no mesmo ano fundaram na Bahia o primeiro colégio e, em 1551, já estavam também estabelecidos em Olinda (Pernambuco), desenvolvendo um trabalho de catequese dos índios e educação dos jovens filhos dos colonizadores. Desde de então a historiografia nacional recebe a colaboração dos jesuítas, que através das cartas de Manuel da Nóbrega, a partir de 1549, deixaram para as gerações que se sucederam depoimentos curiosos sobre a paisagem, os índios e seus costumes, bem como a vida dos primeiros habitantes do Brasil nos primeiros anos da colonização.

Entre 1931 e 1933, a Academia Brasileira de Letras fez publicar, em três volumes, grande parte das cartas jesuíticas, escritas entre 1549 e 1594, sob o título *Cartas do Brasil, Cartas avulsas e Cartas, informações, fragmentos históricos e sermões*. Este último volume, com introdução de Afrânio Peixoto, artigo de Capistrano de Abreu e posfácio de Antônio de Alcântara Machado, é todo dedicado à obra do padre José de Anchieta, trazendo 28 cartas, cinco informações sobre fatos diversos, fragmentos históricos e sermões. Reúne assim um noticiário precioso sobre os indígenas, os trabalhos desenvolvidos pelos jesuítas, além de relatos e informações sobre a terra e a gente do Brasil (Rio: Civilização Brasileira, 1933. 568 p.).

Outro jesuíta importante para a historiografia brasileira é Fernão Cardim, que chega ao Brasil em 1583 e reúne os seus escritos em *Informação da Província do Brasil pala o nosso padre* (1585) que, embora incluída entre as cartas de José de Anchieta, sabe-se hoje ser de sua autoria. Sua obra, *Narrativa epistolar de uma viagem e missão jesuítica etc.*, impressa inicialmente em Lisboa (1847) sob a direção de F. A. de Varnhagen, segundo texto manuscrito da Biblioteca de Évora, vem reunida

no *Tratado da terra e gente do Brasil* São Paulo: Editora Nacional, 1939. 380 p. (Brasiliana, v. 168). Neste volume estão reunidas três obras do jesuíta, escritas entre 1583 e 1601: “Narrativa epistolar de uma viagem e missão jesuítica”; “Do clima e terra do Brasil” e “Do princípio e origens dos índios do Brasil”, estes últimos publicados inicialmente em língua inglesa, no volume 4 da coleção *Purchas his Pilgrimes*, Londres: 1625, sob o título *A teatrise of Brazil written by a Portugall which had long lived there*. Trata-se de obra indispensável ao conhecimento da terra e vida social e econômica do Brasil, no primeiro século de sua colonização, escrita de forma agradável com elementos importantes sobre os engenhos de açúcar, produção e população de brancos, negros e índios, alimentação e vestuário, divertimentos, vida social, de modo a pintar com cores vivas o cenário daqueles anos.

Com o nome de *História da Província Santa Cruz a que vulgarmente chamamos de Brasil*, surge em 1576 em Lisboa, impressa por Antonio Gonsalvez, a primeira tentativa de uma crônica histórica sistemática escrita por Pero de Magalhães de Gândavo. Trata-se de um natural de Braga, descendente de flamengos como o seu nome está a indicar, professor de escola pública entre o Douro e o Minho, onde ensinava latim, copista da Torre do Tombo, moço de câmara do Rei D. Sebastião, amigo do poeta Luís Vaz de Camões (1524-8), com atividades no Brasil como Provedor da Fazenda em Salvador.⁶ No que diz respeito ao seu conteúdo, a *História do Brasil* de Gândavo, hoje em 12ª edição, é hoje citada por todos os historiadores modernos, como um verdadeiro documentário sobre a economia e vida social dos primeiros anos da colonização. José Honório Rodrigues (op. cit.) diz que “conta Gândavo rapidamente o descobrimento, dá nome dos primeiros donatários, fala das plantas, dos produtos, frutas, animais e bichos venenosos, das aves e dos peixes, dos naturais, isto é, dos índios, e termina apregoando os louvores e grandezas da terra. Com ele temos a primeira revelação histórica do Brasil nos seus setenta primeiros anos, quando estávamos no quarto governo geral e já

⁶ SILVA, Leonardo Dantas. “Gândavo e a sua História”. In: GÂNDAMO, Pero de Magalhães de. *Tratado da terra do Brasil & história da Província de Santa Cruz a que vulgarmente chamamos Brasil 1576*. Recife: Fundação Joaquim Nabuco. Editora Massangana, 1995. Edição conjunta, organização e apresentação de Leonardo Dantas Silva. (Série Descobrimientos, 3).

possuíamos um bispado. A *História* é um livro de circunstância, embora o primeiro a assumir o caráter de composição histórica, superior em sua elaboração às cartas e relatórios dos Jesuítas. Ele mesmo se apercebeu que a história de Santa Cruz estava sepultada em tanto silêncio ‘pelo pouco caso que os portugueses fizeram da mesma Província, que por faltarem na terra pessoas de engenho, e curiosas que por melhor estilo, e mais copiosamente que eu a escrevesse’”.⁷

Um dos mais importantes estudos sobre a América Portuguesa no primeiro século do seu descobrimento vem da pena de Gabriel Soares de Souza (c 1540-91) que, no dizer de Capistrano de Abreu, “foi a enciclopédia viva do Século XVI”. Para F. A. de Varnhagen, o seu *Tratado descritivo do Brasil em 1587* é a “obra mais admirável de quantas em português produziu o século quinhentista”. Chegando à Bahia em 1569, interrompendo uma viagem que fazia em busca da Índia, veio estabelecer-se definitivamente, casando-se e tornando-se senhor de engenho no Recôncavo até 1586, a ponto de transformar-se em um homem rico e poderoso como bem demonstra o seu testamento datado de 10 de agosto de 1584. Instado por seu irmão, João Coelho de Souza, a empreender uma grande expedição aos Sertões do Rio São Francisco, em busca de prata, ouro e pedras preciosas, resolve, em 1586, ir a Madrid onde junto à corte tenta conseguir alguns privilégios para tal empreitada. Nesta ocasião, ainda em Madrid, escreveu a sua obra considerada por muitos como a mais informativa sobre os primeiros anos da colonização.

A exemplo de outros de sua época, Gabriel Soares de Souza só vem alcançar o prelo quando da publicação do seu *Tratado* na *Revista do Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro* v. 14, Rio: 1851. Uma segunda edição, com correção e comentários a cargo de F. A. de Varnhagen, vem a ser impressa no Rio de Janeiro, Typographia de João Inácio da Silva, em 1879; uma terceira edição vem a surgir em São Paulo: Editora Nacional, 1938 (Brasiliana, v. 117) 494 p., seguindo-se de uma quarta, pela mesma editora, em 1971.⁸

⁽⁷⁾ RODRIGUES, José Honório. op. cit., p. 431.

⁽⁸⁾ SOUZA, Gabriel Soares de. *Tratado descritivo do Brasil em 1587*. 4. rd. São Paulo: Companhia Editora Nacional - EDUSP, 1971.

Segundo Rubens Borba de Moraes, in *Manual bibliográfico de Estudos Brasileiros*⁹, “a obra de Gabriel Soares de Souza é um dos documentos mais preciosos e completos da vida brasileira no século XVI”. Divide-se em duas partes, “Roteiro geral da costa brasilica” e “Memorial e declaração das grandezas da Bahia”. Na primeira descreve a costa brasileira, da foz do Rio Amazonas até o Rio da Prata, com seus acidentes, povoações, vida e costumes de sua população, de índios e brancos. Na segunda parte, trata da história da colonização da Bahia, da descrição do seu relevo, dos acidentes de sua costa, com seus engenhos, igrejas e povoações.

Dentre os que escreveram sobre os primeiros anos da colonização do Brasil, destaca-se também Ambrósio Fernandes Brandão, autor de *Diálogos das grandezas do Brasil* texto [datado] de 1618, que faz um estudo apurado sobre o ecossistema das capitanias ao norte do Rio São Francisco, notadamente as de Pernambuco, Itamaracá e Paraíba. Para José Honório Rodrigues, “os *Diálogos* são documentos capitais do século VII e constituem a crônica mais positiva, a descrição mais viva, o flagrante mais exato da vida, da sociedade, da economia dos moradores do Brasil, gentios, reinóis e negros. O livro compõe-se de seis diálogos entre Brandônio, pregoeiro das virtudes da terra, e Alviano, que a tem ‘pela mais ruim do mundo’. Brandônio, para convertê-lo à seita dos primeiros ufanistas, mantém sete dias de conversação, descrevendo em cada diálogo os benefícios do Brasil e debatendo ou corrigindo os erros, enganos e malquerenças de Alviano”.¹⁰ A obra foi inicialmente editada pela Academia Brasileira de Letras, com introdução de Capistrano de Abreu e notas de Rodolfo Garcia (Rio: Oficina Industrial, 1930. 316 p.).

Ambrósio Fernandes Brandão, proprietário de terras em São Lourenço da Mata (Pernambuco), cristão-novo morador na Vila de Olinda, tinha 63 anos quando escreveu os *Diálogos*, vinte e cinco dos quais vividos no Brasil. A autoria dos *Diálogos das grandezas do Brasil*, porém, só veio a ser estabelecida de forma definitiva por José Antônio Gonsalves de Mello, quando da edição definitiva, com base no apógrafo de Leiden, publicada pela Universidade do Recife - Imprensa

⁹ MORAES, Rubens Barba de; BERRIEN, William. *Manual bibliográfico de estudos brasileiros*. Rio de Janeiro: Gráfica Editora Souza, 1949.

¹⁰ RODRIGUES, José Honório. op. cit., p. 371.

Universitária, em 1962. Uma terceira edição, também organizada por José Antônio Gonsalves de Mello, vem a surgir em 1997, publicada pela Fundação Joaquim Nabuco - Editora Massangana, dentro desta *Série Descobrimentos*.¹¹

Um documentário da maior importância para o conhecimento da gente do Brasil no século XVI, particularmente no que diz respeito à presença de cristãos-novos na economia e na história da vida privada de sua sociedade, em suas mais diferentes classes, é reunido quando da primeira Visitação do Santo Ofício às capitanias da Bahia, Pernambuco, Itamaracá e Paraíba. São denúncias e confissões tomadas pelo licenciado Heitor Furtado de Mendonça, entre 1591 e 1595, depois reunidas em publicações feitas em São Paulo, Série Eduardo Prado, e no Recife, Coleção Pernambucana - 2ª fase v. 14, hoje ao alcance dos estudiosos do período.¹²

A historiografia do Brasil assume características próprias, com a consulta das fontes e da bibliografia existente na época, proporcionando maior segurança na cronologia e na narrativa dos acontecimentos, a partir de Frei Vicente do Salvador. Nascido na Bahia, em torno de 1564, Vicente Rodrigues Palha seguiu a carreira eclesiástica fazendo votos na Ordem Franciscana (1597), onde recebeu o nome de Frei Vicente do Salvador. É de sua autoria a primeira *História do Brasil 1500-1627* escrita por um brasileiro, somente publicada na íntegra em 1888, nos *Anais da Biblioteca Nacional* v. 13, quando do transcurso dos 250 anos de sua morte, ocorrida entre 1636 e 1639. A sua edição definitiva, porém, só veio acontecer em 1965, quando, além das notas de Capistrano

(11) BRANDÃO, Ambrósio Femandes. *Diálogos da grandezas do Brasil*. Recife: Fundação Joaquim Nabuco. Editora Massangana, 1997. Edição integral, segundo apógrafo de Leiden, organizada por José Antônio Gonsalves de Mello. Apresentação de Leonardo Dantas Silva (Série Descobrimentos, v. 8).

(12) *Primeira visitação do Santo Ofício às partes do Brasil.. Confissões da Bahia 1591-92*. Prefácio Capistrano de Abreu. São Paulo: 1922; *Primeira visitação do Santo Ofício às partes do Brasil: denúncias da Bahia 1591-93*. Introdução de Capistrano de Abreu. São Paulo: 1925; *Primeira visitação do Santo Ofício às partes do Brasil: denúncias de Pernambuco 1593-95*. Introdução de Rodolfo Garcia. São Paulo: 1929; *Primeira visitação do Santo Ofício às partes do Brasil: denúncias e confissões de Pernambuco 1593-95*. Prefácio de Leonardo Dantas Silva. Introdução de José Antônio Gonsalves de Mello. Recife: Fundação do Patrimônio Histórico e Artístico de Pernambuco, 1984 (Coleção Pernambucana, 2ª fase, v. 14). Inclui índice onomástico.

de Abreu e Rodolfo Garcia, foi o seu texto confrontado por Frei Venâncio Willeke OFM (1906-1978) com o manuscrito do acervo da Biblioteca das Necessidades, hoje conservado no Arquivo Nacional da Torre do Tombo (Lisboa), Secção “Livros do Brasil”.¹³

Muito embora tenha escrito sua *História* no século XVII, ao que parece vinha recolhendo anotações desde 1587, quando do seu retorno da Universidade de Coimbra, como denota a descrição que faz, com a atualidade de um contemporâneo, da Vila de Olinda e do porto da capitania de Pernambuco, do qual originou-se a cidade do Recife, naquele final de século. Não somente recolheu fatos, através de depoimentos dos primeiros povoadores, mas também foi testemunha de alguns outros, como quando da invasão holandesa da Bahia, em 1624, em que ficou prisioneiro dos invasores e depois serviu aos portugueses até a libertação de Salvador em 30 de abril de 1625.

Para José Honório Rodrigues “a *História do Brasil* de Frei Vicente do Salvador é um dos livros mais saborosos do Brasil seiscentista, pela simplicidade do estilo, natural, sem artificios, pela ingenuidade da narrativa, entremeadas de estórias populares e ditos pitorescos. Lê-se como um romance, ou melhor, como uma coleção de contos históricos. [...] A *História* consta de cinco livros e nenhum parece intacto: o primeiro descreve o descobrimento e a terra; o segundo trata do regime das donatárias, segundo não ‘a ordem de tempo e antigüidade das capitanias e povoações, senão a do sítio, contiguação de uma com outras, começando do Sul para o Norte, o que não farei nos seguintes livros, em que seguirei a ordem dos tempos e sucesso das cousas’. O terceiro se inicia com o primeiro Governo Geral (1549) e termina com a perda de Independência de Portugal (1580). O quarto começa com o governo de Manuel Teles Barreto (1582) e os socorros espanhóis da armada de Diogo Flores Valdez contra os corsários ingleses e franceses e termina com o governo de D. Diogo de Menezes (1606) no Norte, e Francisco de Souza no Sul (1609). O quinto

⁽¹³⁾ SALVADOR, Frei Vicente do. *História do Brasil 1500-1627*. Revista por Capistrano de Abreu e Rodolfo Garcia; confrontada com cópia manuscrita oriunda do acervo da Biblioteca das Necessidades, hoje conservada no Arquivo Nacional da Torre do Tombo (Lisboa), Secção “Livros do Brasil”, por Frei Venâncio Willeke. 5. ed. São Paulo: Comp. Melhoramentos, 1965. 528 p.

abre com o governo de Gaspar de Souza (1612) e trata especialmente da jornada da conquista do Maranhão e da guerra holandesa na Bahia”.¹⁴

O ineditismo da *História do Brasil*, porém, não impediu que fossem consultadas várias cópias manuscritas, existentes no Brasil e em Portugal, como se depreende dos textos históricos escritos por dois pernambucanos, o também franciscano Frei Antônio de Santa Maria Jaboatão (1695-1779)¹⁵ e o beneditino D. Domingos do Loreto Couto (c 1696- c 1762).¹⁶

⁽¹⁴⁾ RODRIGUES, José Honório. op. cit., p. 490.

⁽¹⁵⁾ JABOATÃO, frei Antônio de Santa Maria. *Novo orbe seráfico brasílico*. Rio de Janeiro: Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro, 1858-62. 5 v. 1.687 p.

⁽¹⁶⁾ COUTO, Domingos do Loreto. *Desagravos do Brasil e glórias de Pernambuco*. Apresentação de Leonardo Dantas Silva; Posfácio de José Antônio Gonsalves de Mello. Recife: Fundação de Cultura Cidade do Recife, 1981. 612 p. (Coleção Recife; v. 11). Fac-similar da 1ª ed. Rio de Janeiro: Biblioteca Nacional, 1904. Inclui índice onomástico.